

Renegociação plurianual será uma tarefa árdua

Brasília — O governo brasileiro já sabe que dificilmente conseguirá uma renegociação plurianual da dívida externa com os bancos credores privados, muito pouco inclinados a conceder dinheiro novo. A informação é de um categorizado informante da área econômica, que tem participado de diversas conversas com banqueiros internacionais.

O governo está começando a trabalhar com hipóteses de aumentar o volume de empréstimos a serem tomados juntos ao Banco Mundial (Bird) e ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), além de estudar a possibilidade de propor operações de co-financiamento, para reduzir ao mínimo a necessidade de dinheiro novo dos bancos privados. Pela primeira vez em três anos, o Brasil precisará de dinheiro novo este ano — cerca de 4 bilhões de dólares — para financiar seu desenvolvimento.

Os negociadores esperam obter dos banqueiros privados algumas vantagens residuais, como uma redução do *spread* (taxa de risco) e colocar no mesmo nível de Libor (taxa interbancária de Londres) a cobrança nos Estados Unidos (há uma diferença de 1,5 ponto percentual entre as duas e os empréstimos brasileiros, em sua maior parte, têm sido calculados pela taxa maior).

Há no governo ceticismo quanto à possibilidade de se chegar a um bom acordo com os bancos privados, apesar do sucesso obtido com a dívida de governo a governo no Clube de Paris. "Eles auxiliaram o México por razões políticas. Os Estados Unidos não vão deixar o México quebrar. Mas, neste momento, as negociações com as Filipinas, um aliado antigo de Washington, estão em situação de impasse. É difícil prever como os norte-americanos vão agir com o Brasil", disse o informante.

Os técnicos brasileiros estão prevendo uma dura negociação que permitirá a rolagem da dívida só de 87 e obrigará a novo encontro dentro de alguns meses. "O Brasil está numa situação original, porque há três anos o país não buscava novos financiamento no exterior. E agora voltará ao mercado", completou o informante.